

A ETNOGRAFIA: UMA PERSPECTIVA METODOLOGICA DE INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA

Fernanda Barros Ataídes¹
Guilherme Saramago de Oliveira²
Anair Araújo de Freitas Silva³

Fazer Etnografia, [...] é dar voz a uma minoria silenciosa; é caminhar em um mundo desconhecido; é abrir caminhos passando das contingências para a autodeterminação, para inclusão na escola, na vida social, no mundo da existência solidária e cidadã. Fazer Etnografia é um pouco de doação de ciência, de dedicação e de alegria, de vigor e de mania, de estudo e de atenção. Fazer Etnografia é perceber o mundo estando presente no mundo do outro, que parece não existir mais (MATTOS; CASTRO, 2011, p. 45).

Resumo:

Este artigo constitui-se em um estudo bibliográfico que busca descrever e analisar os principais aspectos que fundamentam a Etnografia como pesquisa qualitativa à luz de teorias de diferentes autores/as. Inicialmente, apresenta-se breve histórico da Etnografia, alguns conceitos, definições e características básicas, para, posteriormente, descrevê-la como uma metodologia de investigação.

Palavras-chave:

Etnografia. Pesquisa Qualitativa. Investigação Científica.

Abstract:

This paper is a bibliographical study that seeks to describe and analyze the main aspects that substantiate the ethnography as a qualitative research based in theories of different authors. Initially, the study presents a brief history of ethnography, some concepts, some definitions and basic characteristics, and after that, the study describes it as a research methodology.

Keywords:

Ethnography. Qualitative research. Research Methodology.

1. Ideias iniciais: breve histórico da Etnografia

Constam nos registros teóricos que a pesquisa etnográfica foi desenvolvida por antropólogos nos fins do século XIX e início do século XX para investigar comunidades pequenas e culturalmente isoladas. Conforme aponta discussões realizadas por Sousa e Barroso (2008), os estudos etnográficos, a princípio, limitavam-se a estudar a cultura de civilizações exóticas, por meio da análise dos instrumentos que elas produziam, havia pouco interesse em conhecer a relação interpessoal, pensamento e comportamento das pessoas. Assim, os estudos etnográficos aconteciam, ainda, sem características antropológicas. A

¹ Doutoranda. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

² Doutor. Professor da Universidade Federal de Uberlândia.

³ Doutoranda. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

investigação era realizada a distância, não havia nenhum contato do pesquisador com os pesquisados. Para a coleta de dados, o etnógrafo enviava questionários por meio de viajantes e missionários e solicitava a eles que trouxessem o máximo de produtos manufaturados que conseguissem como flechas, objetos de barro, vestimentas, dentre outros. Esse modo de entender o outro se caracterizou por uma Etnografia discriminatória e estereotipada.

Segundo Angrosino (2009), o método etnográfico surgiu a partir do convencimento de antropólogos de que as conjecturas infundadas pelos filósofos sociais eram insuficientes para compreender os grupos humanos. Para os antropólogos, somente indo ao campo, um pesquisador poderia encontrar a dinâmica e o entendimento da experiência e vivência humana. No entendimento de Mattos e Castro (2011, p. 27), o surgimento do fazer antropológico ocorreu “[...] com a expansão do mundo através da “descoberta” pelos europeus de outros povos, cujas as culturas se distanciavam sobremaneira daquela do velho mundo”. Nesse sentido, a Etnografia teve suas raízes, no estudo dos povos primitivos, vistos como estranhos e desconhecidos, tal como os índios. Isso significa que o objeto de estudo etnográfico era sempre as colonizações de povos diferentes da cultura ocidental europeia.

Para Laplantine (2003), a Etnografia propriamente dita só começou a existir a partir do momento que o pesquisador percebeu que deveria ir a campo efetivar sua própria pesquisa e que a observação direta fazia parte integrante da investigação. O autor destaca que, no início do século XX, houve uma grande revolução na área da antropologia, considerando que:

[...] ela põe fim à repartição de tarefas, até então habitualmente divididas entre observador (viajante, missionário, administrador) entregue ao papel subalterno de provedor de informações, e o pesquisador erudito, que tendo permanecido na metrópole, recebe, analisa e interpreta - atividade nobre! - Essas informações (LAPLANTINE, 2003, p. 57).

Com essa mudança, segundo Laplantine (2003), a observação passou a fazer parte integrante da investigação, levando o pesquisador a campo a fim de efetivar sua própria observação; o campo passa a ser considerado a própria fonte de pesquisa. Segundo o autor, dois antropólogos tiveram importantes contribuições para o desenvolvimento da Etnografia Franz Boas e Bronislaw Malinowski.

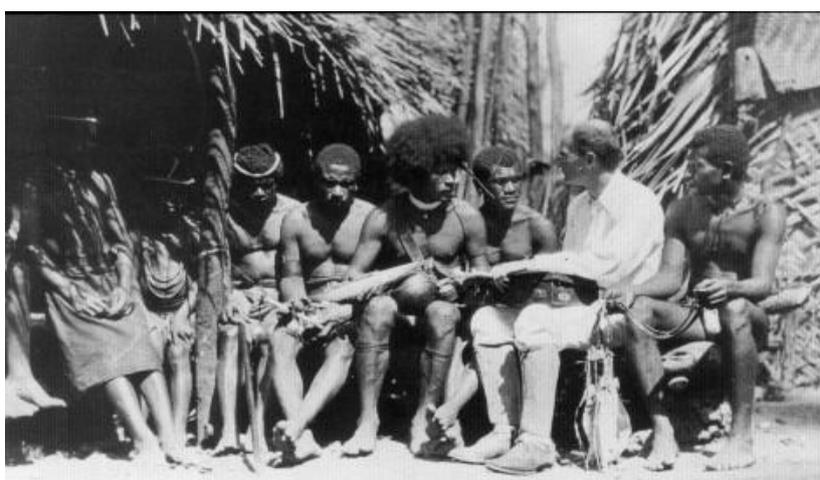
De acordo com Laplantine (2003), o antropólogo Franz Boas (1858-1942) pode ser considerado o pioneiro da Etnografia. Foi o primeiro a afirmar a sociedade como uma totalidade autônoma e o primeiro a estudar a sociedade por meio dessa totalidade. Sua principal contribuição para a Etnografia tem relação com sua pesquisa macrossociológica.

ATAÍDES, F. B.; OLIVEIRA, G. S.; ANAIR ARAÚJO DE FREITAS SILVA, A. A.

Ele ensina que tudo deve ser anotado e objeto de descrição meticulosa. Apesar de ter importantes contribuições para a elaboração da Etnografia, tornou-se pouco conhecido pelo fato de nunca ter escrito nenhum livro destinado ao público erudito e não ter formulado nenhuma teoria. No entanto, sua influência foi considerável, pois foi um dos primeiros etnógrafos a ter uma preocupação com a descrição precisa dos fatos observados.

Já o antropólogo Bronislaw Malinowski (1844-1942), conforme indica Laplantine (2003), foi o primeiro a conduzir uma experiência científica etnográfica, na qual estudou de perto e de forma profunda outras populações, como em seus estudos nas Ilhas Trobriand entre 1914 a 1916. Com ele, a antropologia ignora o evolucionismo e se torna uma ciência da alteridade se dedicando ao estudo das lógicas particulares de cada cultura.

Figura 1- Malinowski entre os habitantes nas Ilhas Trobriand.



Fonte: https://28.media.tumblr.com/tumblr_ljx500EDS61qa7ar9o1_500.jpg

A pesquisa desenvolvida por Malinowski nas Ilhas Trobriand, como mostra a Figura 1, deu origem à obra “Os argonautas do Pacífico”, publicada em 1922, a qual narra a experiência vivenciada pelo autor no decorrer da pesquisa. A obra representa o grande marco fundador da antropologia moderna, pois rompe com a separação entre o pesquisador em campo e o erudito em seu gabinete. Nesse sentido, o autor teria sido o primeiro a destacar a importância do antropólogo em permanecer longos períodos entre os povos pesquisados e demonstrar que não se pode estudar uma cultura analisando-a do exterior e a distância, considerava que a cultura deveria ser olhada por dentro.

Isso nos remete a dois princípios básicos da Etnografia, princípio *êmico* e *ético*. De acordo com Rosa e Orey (2012, p. 867), a abordagem ética “[...] refere-se a uma interpretação de aspectos de outra cultura a partir [...] daqueles que observam. Por outro lado, a abordagem êmica procura compreender determinada cultura com base nos Cadernos da Fucamp, v.20, n.48, p.133-147/2021

referenciais dela própria”. Em outras palavras, a abordagem êmica é a visão interna dos observados que olham de dentro, enquanto a abordagem ética é a visão externa dos pesquisadores que olham de fora. Nesse sentido, Rosa e Orey (2012) ressaltam que apesar da abordagem ética ser inevitável em uma pesquisa, é necessário analisar determinada cultura a partir da abordagem êmica para entender como os observados entendem suas próprias manifestações culturais.

Considerando as informações mencionadas, Mattos e Castro (2011), apontam que Malinowski preconizou que, apenas por meio da observação participante, o pesquisador teria possibilidade de:

[...] conhecer o outro em profundidade e superar os pressupostos evolutivos e o etnocentrismo (visão pelo qual o homem branco europeu letrado seria superior a todos quantos apresentassem diferentes constituições, tanto físicas quanto de formas de vida e de pensamento). Para isso a Etnografia deveria ser uma pesquisa intensiva, de longa duração: o etnógrafo precisaria viver no local, aprender a língua nativa e, sobretudo observar a vida cotidiana. O pesquisador deveria dar conta da totalidade da vida da tribo observada, a partir da constituição da sociedade, da vida real e o espírito nativo (MATTOS; CASTRO, 2011, p. 28).

Desse modo, Boas e Malinowski passaram a ser considerados os pais fundadores da Etnografia, e o trabalho etnográfico de campo ganha relevância nas pesquisas que pretendiam conhecer a cultura do outro ou de si próprio. Ambos contribuíram para a consolidação da Etnografia, instituindo a ideia de que o pesquisador deveria ir a campo buscar as informações de seu interesse, “[...] defendiam aquilo que veio a ser conhecido como observação participante, um modo de pesquisar que coloca o pesquisador no meio da comunidade que ele está estudando” (ANGROSINO, 2009, p. 17).

A partir da década de 1920, de acordo com Angrosino (2009), a pesquisa de cunho etnográfico se estendeu a outras áreas do conhecimento, como educação, enfermagem, saúde pública, negócios e comunicação, com a influência da Escola de Chicago. Nos dias atuais, a Etnografia como pesquisa qualitativa inclui estudos de comunidades de interesse, comunidades virtuais, bem como comunidades tradicionais geograficamente isoladas. Isso significa que a pesquisa etnográfica tem sido utilizada em todos os tipos de cenários por diversos pesquisadores, em diferentes disciplinas e orientações teóricas como funcionalismo, interacionismo simbólico, feminismo, marxismo, etnometodologia, teoria crítica, estudos culturais e pós-modernismo.

2. A Etnografia como estratégia de pesquisa

Originalmente desenvolvida na antropologia, a pesquisa etnográfica, conforme

ATAÍDES, F. B.; OLIVEIRA, G. S.; ANAIR ARAÚJO DE FREITAS SILVA, A. A.

aponta Angrosino (2009), busca descrever um grupo social ou pessoas, suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças. Embora tenha sido moldada para estudar sociedades pequenas, tradicionais e ágrafas, a fim de reconstruir suas tradições culturais, atualmente, a Etnografia é praticada em todos os tipos de condições sociais. Desse modo, os etnógrafos observam e pesquisam as vidas rotineiras das pessoas por eles estudadas, com o objetivo de discernir padrões previsíveis dessas experiências humanas vividas. Assim, a Etnografia

[...] é uma maneira de estudar pessoas em grupos organizados, duradouros, que podem ser chamados de comunidades ou sociedades. O modo de vida peculiar que caracteriza um grupo é entendido como a sua cultura. Estudar a cultura envolve um exame dos comportamentos, costumes e crenças aprendidos e compartilhados do grupo (ANGROSINO, 2009, p. 16).

Magnani (2009), por sua vez, entende que a Etnografia é uma maneira própria de operar, em que o pesquisador entra em contato com o universo de um grupo de pessoas não apenas para permanecer ali, mas para fazer uma relação de suas teorias com aquelas compartilhadas pelo grupo estudado para, a partir disso, encontrar um modelo novo de entendimento.

Em seus estudos, Mattos e Castro (2011), destacam que a Etnografia também pode ser conceituada como pesquisa interpretativa, observação participante, pesquisa hermenêutica etc. Segundo as autoras, a Etnografia é um estudo holístico que busca entender as percepções e comportamentos na rotina diária de grupos sociais ou pessoas, a fim de elucidar o significado cotidiano, nos quais o ser humano age. “O objetivo é documentar, monitorar, encontrar o significado da ação” (MATTOS; CASTRO, 2011, p. 51).

Conforme apontam estudos realizados por Castro (2006, p. 42), a etimologia da palavra Etnografia vem do grego *ethno*, que significa “povo” e *graphein* que quer dizer “escrever”. Assim, em um sentido mais simples, poder-se-ia dizer que Etnografia se refere à escrita de determinados povos. No entanto, para André (2012, p. 27-28), a palavra Etnografia significa “descrição cultural”. Nesse sentido, “[...] o foco de interesse dos etnógrafos é a descrição da cultura (práticas, hábitos, crenças, valores, linguagens, significados) de um grupo social [...]”.

De acordo com Godoy (1995), a Etnografia propõe descrever episódios que acontecem na vida de um grupo social e interpretar seus significados para a cultura do grupo. Isso remete ao conceito de descrição densa, proposto por Geertz (2008), para quem a Etnografia é uma descrição densa, e os etnógrafos fazem as descrições. Nesse sentido, cabe

ao pesquisador descrever e interpretar

O que o etnógrafo enfrenta [...] é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas, e que ele tem, de alguma forma, primeiro aprender e depois apresentar. Fazer Etnografia é como tentar ler (no sentido de ‘construir uma leitura de’) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (GEERTZ, 2008, p. 7).

Para Geertz (2008), a cultura deve ser vista como teias de significados tecidas pelo próprio homem ao longo de sua história, e o papel da Etnografia é buscar desvelar e elucidar essa cultura. Sob essas considerações, Mattos e Castro (2011) ressaltam que obter uma descrição densa sobre o que um grupo de pessoas faz e o significado que eles têm do que fazem é a maior preocupação da Etnografia. Desse modo, o objeto de estudo etnográfico se constitui no conjunto de significantes que são produzidos, percebidos e interpretados.

A pesquisa etnográfica, de acordo com Cunha e Ribeiro (2010), é uma estratégia de pesquisa em que o pesquisador se insere na realidade social a ser investigada, para estudar e compreender elementos intrínsecos e tácitos dessa sociedade, especialmente, a sua cultura. Já para Angrosino (2009, p. 34), a Etnografia “[...] é um método de pesquisa que busca definir padrões previsíveis de comportamento de grupo. Ela é baseada em trabalho de campo, personalizada, multifatorial, de longo prazo, indutiva, dialógica e holística”.

Analisando e refletindo sobre a abordagem etnográfica como pesquisa científica, Mattos e Castro (2011) ressaltam que fazer Etnografia implica:

1) preocupar-se com uma análise holística ou dialética da cultura; 2) introduzir os atores sociais com uma participação ativa e dinâmica e modificadora das estruturas sociais; 3) preocupar-se em revelar as relações e interações significativas de modo a desenvolver a reflexividade sobre a ação de pesquisar, tanto pelo pesquisador quanto pelo pesquisado (MATTOS; CASTRO, 2011, p. 49).

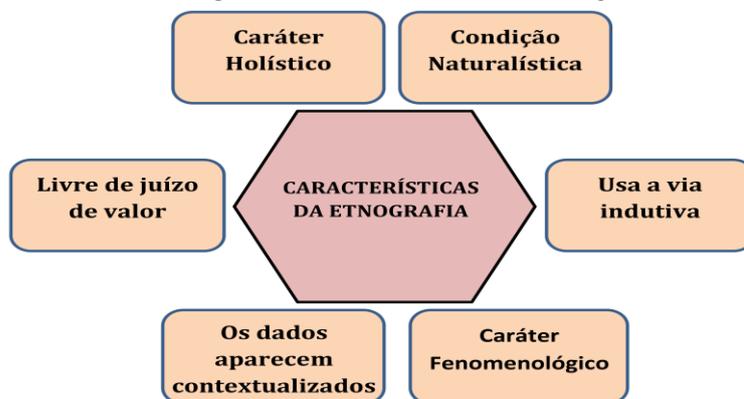
Em seus estudos, André (2012, p. 28-29) aponta que, para uma pesquisa ser caracterizada como etnográfica, é preciso ficar atento a alguns preceitos: 1) uso de técnicas tradicionais da Etnografia como observação participante, entrevistas e análise documental pelo pesquisador; 2) interação entre o pesquisador e o objeto pesquisado, sendo o pesquisador o principal instrumento para coleta e análise de dados; 3) ênfase no processo, naquilo que está acontecendo e não no produto ou nos resultados finais; 4) preocupação com o significado; 5) trabalho de campo em contato direto e prolongado com o objeto de estudo; 6) descrição e indução, o pesquisador tem acesso a dados descritivos que são por ele

ATAÍDES, F. B.; OLIVEIRA, G. S.; ANAIR ARAÚJO DE FREITAS SILVA, A. A.

reconstruídos em forma de palavras ou transcrições literais; 7) busca formulações de hipóteses, conceitos, abstrações, teorias e não sua testagem.

López (1999) aborda de maneira sucinta algumas das principais características que configuram a natureza da pesquisa qualitativa de cunho etnográfico (Figura 2).

Figura 2 – Características da Etnografia.



Fonte: Autoria própria com fundamento em López (1999).

No entendimento de Sousa e Barroso (2008), a Etnografia se constitui em uma pesquisa científica de caráter qualitativo, com traços da fenomenologia, interacionismo simbólico e da sociologia, visto que busca compreender o mundo pelo olhar dos próprios atores sociais na medida em que os sujeitos interagem com o outro. De acordo com as autoras, o ponto chave da Etnografia é o estudo do comportamento do ser humano, assim, a pesquisa etnográfica deve ser realizada considerando dois conjuntos de hipóteses: a naturalista-ecológica e a hipótese qualitativo-fenomenológica.

Segundo os pressupostos da hipótese naturalista-ecológica, o homem se comporta de acordo com o ambiente em que vive. Neste sentido, a sociedade, a comunidade, a família e até mesmo os elementos materiais e simbólicos exercem influência sobre pensamento, atitude e comportamento humano. A hipótese qualitativo-fenomenológica, por sua vez, afirma que, para entender o comportamento humano, é necessário considerar as relações que influenciam a interpretação, os pensamentos, os sentimentos e as ações (SOUSA; BARROSO, 2008, p. 151).

No entanto, a pesquisa etnográfica não é um tipo de investigação fácil de ser executada, requer um esforço exaustivo, que o pesquisador deve estar preparado para realizar. De acordo com Sousa e Barroso (2008), o papel do pesquisador é de extrema importância, desse modo, é necessário que o etnógrafo possua algumas habilidades para executar uma pesquisa eficiente, isto é, a Etnografia exige que o pesquisador seja um bom observador; saiba lidar com os sujeitos do campo e consigo mesmo; desarme de seus preconceitos; saiba se portar diante dos outros, saiba escrever para apresentar aos leitores os

fatos observados e as interações do campo; e, por fim, o pesquisador deve evitar ser visto como um intruso.

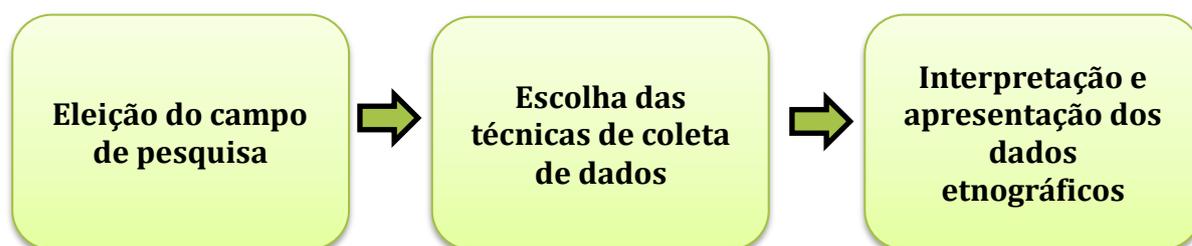
Considerando que o etnógrafo é o principal instrumento de coleta e análise de dados, André (2012) afirma que o pesquisador precisa ser tolerante com as ambiguidades, ser uma pessoa sensível, comunicativa e ter habilidade de expressão escrita, para que a pesquisa tenha um bom desenvolvimento.

Nesse sentido, quem pode fazer Etnografia? Buscando responder ao questionamento, Mattos e Castro (2011, p. 31) afirmam que “[...] qualquer pesquisador bem treinado em Etnografia e com uma pergunta socialmente relevante deve fazer pesquisa etnográfica”. Mas como fazer uma pesquisa de cunho etnográfico? Segundo as autoras, “[...] só o pesquisador pode responder a este questionamento através do campo, pois cada campo é único, cada pesquisa é única e cada dia na própria pesquisa é único” (MATTOS; CASTRO, 2011, p. 31).

3. As fases da investigação etnográfica

A Etnografia propõe a observação e análise de grupos humanos, com o objetivo de tornar evidentes os significados das ações cotidianas dos sujeitos, portanto, é necessário que o pesquisador conheça e siga alguns critérios para o desenvolvimento da pesquisa. Para Angrosino (2009), antes de o pesquisador iniciar uma investigação etnográfica, é importante elencar algumas diretrizes para trilhar a pesquisa.

Figura 3 – Etapas da pesquisa etnográfica.



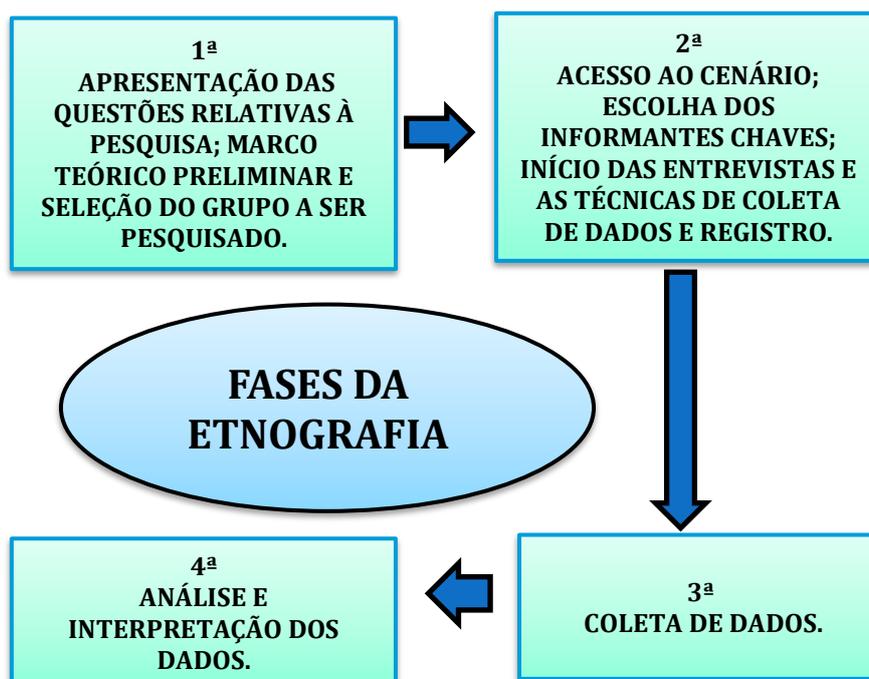
Fonte: Autoria própria com fundamento em Angrosino (2009).

Na eleição do campo de pesquisa, como argumenta Angrosino (2009), o pesquisador deve contar com um trabalho de autoconhecimento de si próprio e seleção adequada do campo de pesquisa. Dessa maneira, é necessário que o etnógrafo escolha um lugar com o mínimo de obstáculo de acesso para desenvolver a pesquisa, um lugar que tenha diálogo claro com os tópicos acadêmicos estudados, um campo possível de ser comparado com outros que já foram estudados, porém não excessivamente, e, em último lugar, um campo que não se torne um fardo para a comunidade pesquisada.

O trabalho de campo, no entendimento de Godoy (1995, p. 28), é o coração da pesquisa de cunho etnográfico. Assim, o pesquisador precisa ter um contato intenso e prolongado com a situação em estudo para “[...] descobrir como seu sistema de significados culturais está organizado, como se desenvolveu e influencia o comportamento grupal”.

Para López (1999), a realização de uma investigação científica de cunho etnográfico consiste no desenvolvimento de algumas fases. A Figura 4 apresenta essas fases.

Figura 4 – Fases da investigação etnográfica.



Fonte: Autoria própria com fundamento em López (1999).

Assim como López (1999) destaca, na primeira fase da pesquisa, a importância de selecionar um campo teórico, Cunha e Ribeiro (2010) também ressaltam que, para desenvolver uma pesquisa etnográfica, primeiramente o pesquisador precisa realizar uma revisão de literatura para embasamento teórico, o qual dará suporte para a pesquisa de campo. Embora o investigador encontre muitas informações no campo que não estão disponíveis na literatura, ele precisa estar preparado teoricamente para construir construtos que ajudarão em sua análise de dados. Para Mattos e Castro (2011), na pesquisa etnográfica,

[...] os dados ditam o caminho teórico a ser conduzido durante as análises e os resultados da pesquisa, suas hipóteses vão sendo construídas progressivamente à medida que os dados respondem ou não as perguntas que os agentes de pesquisa, junto com o pesquisador, formulam diante do objeto pesquisado (MATTOS; CASTRO, 2011, p. 37).

De acordo com Godoy (1995, p. 28), o pesquisador, ao iniciar uma pesquisa etnográfica, dificilmente prossegue sem um modelo conceitual ou uma teoria para compreender a realidade estudada, podendo “[...] optar por um modelo conceitual já conhecido - que pode ser uma teoria bastante elaborada - ou criar um esquema interpretativo próprio a partir de um ou mais construtos”.

Inserido no campo de pesquisa, o investigador pode utilizar múltiplos métodos e estratégias de coleta de dados para a apreensão do objeto de estudo. No entanto, as três grandes habilidades centrais como destaca Angrosino (2009), são: observação, entrevista e pesquisa de arquivo. O autor salienta que essas técnicas precisam ser usadas juntas, fazendo uma triangulação, pois nenhuma delas sozinha é capaz de retratar a totalidade de uma comunidade viva. No entanto, a forma mais utilizada pelo etnógrafo que vai ao campo é a observação. “Esta postura se justifica porque o pesquisador necessita de um contato prolongado e direto com o objeto a ser estudado a fim de estabelecer explicações holísticas e completas da realidade em questão” (CUNHA; RIBEIRO, 2010, p. 9).

A observação etnográfica é feita no campo, em cenários de vida real do pesquisado, o papel do pesquisador pode ir do observador invisível ao de participante totalmente envolvido. Embora a observação pareça ser simples do ponto de vista do senso comum, ela “[...] exige um elevado grau de consciência, atenção a pequenos detalhes, e um cuidadoso registro de dados sistematicamente organizados para ser usado como ferramentas de pesquisa” (ANGROSINO, 2009, p. 61). Portanto, como a Etnografia permite e aconselha a utilização de diversas técnicas de coleta de dados, além da observação direta e participante, o pesquisador pode utilizar outros métodos, como a entrevista e a pesquisa em arquivos.

A entrevista, como expõe Cunha e Ribeiro (2010, p. 9), proporciona um diálogo entre entrevistador e entrevistados, a fim de coletar informações. Com isso, o etnógrafo pode obter respostas diretas e conhecimentos sobre os sujeitos pesquisados e, ainda, desvendar, por meio de perguntas, aquilo que não conseguiu observar e entender. No momento da entrevista, de acordo com André (2012), é preciso que se crie um ambiente acolhedor por parte do entrevistador, pois, com um clima de confiança, as informações tendem a fluir naturalmente e as pessoas envolvidas se sentirão mais à vontade para manifestar suas opiniões.

A pesquisa em arquivos também são recursos valiosos para enriquecer a investigação, pois podem fundamentar o estudo com a análise de documentos arquivados e guardados. Em suma, Angrosino (2009, p. 71) proclama que “[...] a boa pesquisa etnográfica depende de

ATAÍDES, F. B.; OLIVEIRA, G. S.; ANAIR ARAÚJO DE FREITAS SILVA, A. A.

uma composição de fontes de observação, de arquivos e entrevistas”. Esse aspecto é também destacado pelas autoras Mattos e Castro (2011, p. 40) ao se referirem, em seus estudos, sobre a importância da triangulação de dados para descrição densa e para análise indutiva, características que “[...] herdamos da antropologia e que, de certa forma, garantem a fidedignidade e a validade dos dados analisados”.

Nas palavras de Borges (2018), a pesquisa etnográfica abrange um contexto social e cultural, em que os dados são obtidos por meio da interação entre pesquisador com as pessoas e as situações pesquisadas. Assim,

A Etnografia é um processo guiado preponderantemente pelo senso questionador do etnógrafo. Deste modo, a utilização de técnicas e procedimentos etnográficos, não segue padrões rígidos ou pré-determinados, mas sim, o senso que o etnógrafo desenvolve a partir do trabalho de campo no contexto social da pesquisa. Os instrumentos de coleta e análise utilizados nesta abordagem de pesquisa, muitas vezes, têm que ser formuladas ou recriadas para atender à realidade do trabalho de campo. Assim, na maioria das vezes, o processo de pesquisa etnográfica será determinado explicita ou implicitamente pelas questões propostas pelo pesquisador (MATTOS; CASTRO, 2011, p. 50).

Um dos instrumentos que podem ajudar o pesquisador na coleta e análise de dados, de acordo com Mattos e Castro (2011), são os instrumentos visuais como vídeo, Tv, jornais, fotografias, pinturas, auxiliada pelo uso do microcomputador. Essas técnicas surgem como uma alternativa de tornar mais visíveis as rotinas a serem estudadas, sem deixar escapar nenhum detalhe do contexto investigado. Dessa forma, Almeida (2013) destaca que o uso de recursos como a filmadora, microgravador e softwares, têm facilitado a coleta e análise de dados em pesquisas etnográficas, especialmente, quando o trabalho de campo é prologando e o material coletado é extenso.

No entanto, Sousa e Barroso (2008) alertam que essas técnicas utilizadas para coletar dados, como o gravador, a máquina fotográfica, máquina filmadora e outras técnicas visuais, devem ser usadas com cautela no início da pesquisa, para evitar intimidação das pessoas, a princípio, é aconselhável apenas o uso do diário do campo. Posteriormente, outras técnicas podem ser utilizadas, entretanto como recurso complementar, visto que a imagem por si só não transmite informações, assim, faz-se necessário o relatório escrito, para apresentar de forma precisa o contexto estudado e as interações identificadas.

No entendimento de Godoy (1995, p. 29), diversos tipos de dados são relevantes em uma pesquisa etnográfica, “[...] as interações verbais entre os membros do grupo estudado, a forma e o conteúdo das interações verbais dos participantes com o pesquisador,

comportamentos não verbais, [...], gravações, artefatos e documentos”. Mattos e Castro (2011) também ressaltam a importância de diferentes tipos de dados etnográficos. De acordo com as autoras, ao analisar um contexto, é preciso observar minuciosamente os detalhes da ação verbal e não verbal da cena que acontece a interação e a fala, buscando alcançar a totalidade.

Dessa maneira, para conseguir captar a totalidade e ir além dos dados aparentes, o pesquisador, no pensamento de André (2012), precisa usar sua sensibilidade e estar atento a todos os detalhes do contexto estudado, para tentar colher os sentidos e significados dos gestos, dos comportamentos, das expressões verbais e não verbais etc. A sensibilidade, também tem um papel importante na análise dos dados, visto que não existe um modelo padronizado a ser seguido para análise e interpretação de dados na pesquisa etnográfica. No entanto, os dados precisam ser analisados para obter algum sentido e significado, assim o pesquisador precisa usar:

[...] basicamente de sua intuição, de sua criatividade e de sua experiência pessoal quando tiver que olhar para o material coletado para tentar aprender os conteúdos, os significados, as mensagens implícitas e explícitas, os valores, os sentimentos e as representações nele contidos. Isso vai acontecer durante o período mais sistemático da análise (já que esta ocorre em todo o desenrolar do estudo). Nesse momento o pesquisador vai fazer uma ‘leitura’ interpretativa dos dados, recorrendo sem dúvida aos pressupostos teóricos do estudo, mas também às suas intuições, aos seus sentimentos, enfim, à sua sensibilidade. É esse movimento de vaivém da empiria para a teoria, e novamente para a empiria, que vai tornando possível a descoberta de novos conhecimentos (ANDRÉ, 201, p. 61).

Para Godoy (1995), a análise de dados não acontece somente após a coleta, mas no decorrer de todo o processo da investigação, indo do momento em que o pesquisador seleciona um problema para estudo até a última palavra do seu relatório. Já para Raposo (2008), a análise de dados se constitui de procedimentos e métodos que buscam descrever, analisar e interpretar os fatos, levando em consideração as percepções dos participantes.

Conforme o pensamento expresso por Cunha e Ribeiro (2010), o pesquisador etnográfico deve ser intelectualmente ativo para que consiga estabelecer uma análise crítica sobre o que foi observado e vivenciado, com explicações adequadas à realidade em questão, assim, o seu papel consiste em traduzir as diferenças e perceber semelhanças entre as diferentes culturas.

Geertz (2008, p. 4) declara que praticar Etnografia vai além das técnicas de campo. Para ele, fazer Etnografia não é somente estabelecer relações, selecionar informantes,

transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, mas também um esforço intelectual destinado a uma descrição densa de uma realidade sociocultural.

Finalizada a etapa de coleta e análise de dados, o pesquisador precisa buscar estratégias para apresentar os dados etnográficos obtidos, geralmente eles são apresentados por meio de textos acadêmicos, mas também as formas não escritas podem ser utilizadas, tabelas, gráficos, filmes documentários ou ficcionais, textos e imagens postados na internet, exposições em museus etc.

Apesar de a pesquisa etnográfica estar sendo utilizada em todos os tipos de cenários, por diversos pesquisadores e em diferentes disciplinas, em seus estudos André (2012) apresenta algumas vantagens e desvantagens dessa pesquisa. O Quadro 1 apresenta algumas das principais possibilidades e limitações do estudo etnográfico.

Quadro 1 – Principais vantagens e desvantagens da pesquisa etnográfica.

VANTAGENS	DESvantagens
<ul style="list-style-type: none">➤ Possibilita uma visão aprofundada e ampla da situação pesquisada;➤ Tem a capacidade de retratar situações fiéis do contexto pesquisado sem prejuízo de sua complexidade e dinâmica natural;➤ Tem capacidade heurística;➤ Não parte de um esquema teórico fechado;➤ Não é uma técnica isolada de coleta de dados.	<ul style="list-style-type: none">➤ Longo período no campo, o que gera consequentemente mais gastos e tempo;➤ Tendência do pesquisado em mudar seus modos de agir devido a presença do pesquisador;➤ Viés do pesquisador pode comprometer a validade do relato;➤ O pesquisador pode perder o foco com questões pitorescas deixando escapar detalhes importantes para pesquisa;➤ Pode gerar problemas éticos, por ter característica intrusiva a pesquisa participante abre caminho para abuso e invasão de privacidade.

Fonte: Autoria própria com fundamento em André (2012).

Embora a pesquisa etnográfica seja alvo de algumas críticas, para Castro (2006), a investigação de cunho etnográfico ainda é uma das formas de pesquisa que possibilita uma abordagem teórico-metodológica-epistemológica que dá voz ao sujeito pesquisado e permite ao etnógrafo uma interação de troca de significados com o participante ao descrever de modo significativo a realidade.

4. Concluindo

Diante do texto apresentado, pode-se afirmar que a Etnografia, como estratégia de pesquisa qualitativa, apresenta-se como uma metodologia de investigação científica que

proporciona ao pesquisador fazer uma imersão no campo de pesquisa, a fim de observar e interagir com as pessoas pesquisadas em seu ambiente real, para compreender e elucidar as suas práticas, saberes e culturas.

A Etnografia não está em busca da verdade, mas em busca dos significados sociais, haja vista que o fenômeno parte do entendimento das pessoas, vinculadas à situação estudada. Busca-se captar nessas pessoas, os sentidos e os significados que elas dão para determinada situação social.

A pesquisa etnográfica pode ser utilizada para definir problemas que não foram previstos pela literatura existente e estão presentes no cenário social, assim, propicia ao pesquisador desvelar importantes conhecimentos e realizar novas interpretações sobre algum fenômeno vivido.

O presente artigo buscou corroborar com a edificação de saberes oriundos de materiais disponíveis e aprofundar os conhecimentos teóricos e práticos sobre a Etnografia como metodologia de pesquisa qualitativa, por meio de uma revisão bibliográfica. Os conceitos, definições, sistematizações e análises feitas no decorrer do estudo podem abrir caminhos para um melhor entendimento e elucidação de saberes sobre a Etnografia para outros estudiosos.

Referências

ALMEIDA, S. M. **Educação de mulheres e jovens privadas de liberdade: um estudo de abordagem etnográfica**. 2013. 165 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2013.

ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2009.

BORGES, L. P. C. **O futuro da escola: uma Etnografia sobre a relação dos jovens com o conhecimento escolar**. 2018. 151 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2018.

CASTRO, P. A. **Controlar para quê? Uma análise etnográfica da interação entre professor e aluno**. 2006. 197 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2006.

CUNHA, J. A. C.; RIBEIRO, E. M. S. A Etnografia como estratégia de pesquisa interdisciplinar para estudos organizacionais. **Qualitas Revista Eletrônica**, Campina Grande, PB, v. 9, n. 2, p. 1-17, 2010.

ATAÍDES, F. B.; OLIVEIRA, G. S.; ANAIR ARAÚJO DE FREITAS SILVA, A. A.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 2008.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, SP, v. 35, n. 3, p. 20-29, mai./jun. 1995.

LAPLANTINE, F. **Aprender antropologia**. São Paulo, SP: Brasiliense, 2003.

LÓPEZ, G. L. O método etnográfico como um paradigma científico e sua aplicação na pesquisa. **Textura - Revista de Educação e Letras**, Canoas, RS, v.1, n. 1, p. 45-50, 2º sem. 1999.

MAGNANI, J. G. C. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, RS, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.

MATTOS, C. L. G.; CASTRO, P. A. **Etnografia e educação: conceitos e usos**. Campina Grande, PB: EDUEPB, 2011.

RAPOSO, F. C. R. **Fracasso escolar: a voz de quem sofre as consequências**. 2008. 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2008.

ROSA, M.; OREY, D. C. O campo de pesquisa em etnomodelagem: as abordagens êmica, ética e dialética. **Educação e Pesquisa**, Universidade Federal de Ouro Preto, MG, v. 38, n. 04, p. 865-879, out/dez., 2012.

SOUSA, L. B.; BARROSO, M. G. T. Pesquisa etnográfica: evolução e contribuição para a enfermagem. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, v. 12, n. 1, p. 150-155, mar., 2008.